CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA REALIZADA NA BIBLIOTECA DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO

REFLECTIONS ABOUT A PEDAGOGICAL EXPERIENCE CARRIED OUT IN THE LIBRARY OF A PUBLIC SCHOOL IN RIO DE JANEIRO

CONSIDERACIONES SOBRE UNA EXPERIENCIA PEDAGÓGICA REALIZADA EN LA BIBLIOTECA DE UNA ESCUELA PÚBLICA DE RIO DE JANEIRO

Sabrine Lino Pinto¹
Sônia Cristina Soares Dias Vermelho²

Resumo

O presente trabalho apresenta aspectos de uma pesquisa em nível de doutorado, cujo tema foi o uso da biblioteca escolar numa escola localizada em um território vulnerabilizado na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo foi analisar as potencialidades e as mediações pedagógicas de atividades realizadas no espaço da biblioteca, articulando o contexto mais amplo da escola com as atividades em sala de aula em prol de uma educação e formação críticas. Foi um estudo qualitativo fundamentado na pesquisa participante, no qual, além da observação, para as considerações apresentadas nesse artigo, são apresentados os dados coletados no Grupo Focal. Os resultados, tomando como base a experiência e as discussões do Grupo Focal, indicaram que os sujeitos (professores e gestores) consideraram importante a existência e o uso da biblioteca na educação básica, assim como consideraram que a escola deveria investir e procurar estratégias para incorporar a literatura e o uso da biblioteca na articulação dos conteúdos curriculares de algumas disciplinas e de estabelecer, em definitivo, um mediador no espaço para auxiliar os alunos e professores.

Palavras-chaves: Biblioteca escolar; Mediações pedagógicas; Vulnerabilidade social.

Abstract

The present work presents results of research at doctoral level whose theme was the use of the school library in a school located in vulnerable territory in the city of Rio de Janeiro. Our objective was to analyze the potentialities and pedagogical mediations of activities articulating the broader context, from the school to the activities in the classroom aiming at an education and critical formation. It was a qualitative study based on the participant research; besides the observation, for the considerations presented in this article we present the data collected in the Focus Group. Taking the experience and discussions of the Focus Group, it was indicated by the subjects (teachers and managers) that the

¹Doutora em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é bibliotecária-documentalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8363-0328> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6683400295936890>
E-mail: sabrinelino@gmail.com

²Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2205-8070>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4403086334271874> E-mail: crisrina.vermelho@gmail.com

existence and use of the library in the basic education is important, as they considered that the school should invest and look for strategies to incorporate literature and use of the library to articulate the curricular contents of some disciplines and to definitively establish a mediator in space to assist students and teachers.

Keywords: School library; Pedagogical mediations; Social vulnerability.

Resumen

El presente trabajo presenta aspectos de una investigación doctoral, cuyo tema fue el uso de la biblioteca escolar en una escuela localizada en un territorio vulnerabilizado de la ciudad de Rio de Janeiro. El objetivo fue analizar las potencialidades y mediaciones pedagógicas de actividades realizadas en el espacio de la biblioteca, articulando el contexto más amplio de la escuela con las actividades áulicas para una educación y formación críticas. Fue un estudio cualitativo fundamentado en la investigación participante utilizando las técnicas de observación y grupo focal. Tomando como base a la experiencia y las discusiones del grupo focal, los resultados indicaron que los sujetos (profesores y gestores) consideran importante la existencia y el uso de la biblioteca en la educación básica, así como creen que la escuela debería invertir y buscar estrategias para incorporar la literatura y el uso de la biblioteca a fin de articular los contenidos curriculares de algunas disciplinas y de establecer un mediador en el espacio para auxiliar estudiantes y profesores.

Palabras clave: Biblioteca escolar; Mediaciones pedagógicas; Vulnerabilidad social.

Introdução

Este estudo se refere à etapa final de uma pesquisa de doutorado desenvolvida entre os anos de 2015 a 2018 em uma escola localizada em Manguinhos, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Se trata de um local que carrega uma longa história de exclusão, pois sua formação deu-se em meio aos movimentos migratórios internos e externos à cidade do Rio de Janeiro.

A ocupação residencial de Manguinhos ocorreu inicialmente de forma lenta, entre o início do século XX até o final da década de 1940, mediante iniciativas isoladas. A partir dos anos 1950, como resultado de políticas oficiais de remoção de outras áreas da cidade, famílias eram retiradas da zona sul, do centro, da zona portuária e da zona norte e alojadas onde hoje se situa o lixão Aterro Retiro Saudoso. Somente a partir da década de 1980, os moradores que aguardavam em barracões e casas populares improvisados foram removidos para os Conjuntos Habitacionais que foram construídos, observando-se um processo crescente de invasões (Laboratório Territorial de Manguinhos, [200-]). Atualmente, Manguinhos é uma das áreas em que as lutas sociais por melhoria da qualidade habitacional, social, ambiental atravessam a vida de seus moradores. Associadas a isso, a insegurança e instabilidade advindas da existência do tráfico de influências e de traficantes de drogas e de milicianos, configura-o como um território vulnerável (Fernandes & Costa, 2013).

Inicialmente, consideramos importante discutir o próprio conceito de vulnerabilidade social, pois, como uma camada cultural sobre o território, o estigma passa a fazer parte da identidade das pessoas e lugares dentro do espaço físico compreendido como vulnerável e, a partir desta lente, os sujeitos externos ao local (professores e gestores) interagem com a instituição e os moradores (alunos e responsáveis). Por isso, concordamos com Monteiro (2011) quando afirma que a compreensão de vulnerabilidade social vai além do exercício intelectual porque compreende os desafios e as tensões que se apresentam para as políticas sociais, tentando se firmar de forma proativa, preventiva e protetiva e acrescentamos,

também, para o nível das relações sociais. Para ela, a vulnerabilidade pode ser entendida também como sendo “[...] o desajuste entre ativos e a estrutura de oportunidades, [...] impedindo a deterioração em três principais campos: os recursos pessoais, os recursos de direitos e os recursos em relações sociais” (Monteiro, 2011, p. 33).

De acordo com Castro e Abramovay (2002), o entendimento de vulnerabilidade social deve caminhar no sentido de se tentar compreender, de forma integral, uma diversidade de situações e de sentidos para variados indivíduos, grupos, tipos de famílias, domicílios e comunidades, estando implícitas as transformações advindas dos novos perfis do mundo do trabalho ou do não-trabalho, dos tempos em que modernidade, diversidade e insegurança se combinam e em que inúmeros sistemas de normas de discriminações se misturam, mas conservam identidades próprias. Nesse sentido, o conceito de vulnerabilidade social está relacionado com a insuficiente e inadequada situação dos recursos e capacidades de um determinado grupo usufruir as oportunidades disponibilizadas pela sociedade, as quais possibilitam elevar a níveis melhores e maiores de bem-estar e/ou minimizar probabilidades de agravamento de sua condição de vida (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima & Martinelli, 2002), ou seja, as pessoas que moram nessas “zonas de conflito” (termo que consideramos mais adequado), além dos estigmas sociais em função de sua condição econômica, recebem mais um advindo das condições do lugar. Essa caracterização, a princípio, seria para que políticas públicas fossem implementadas no sentido de “corrigir” as distorções, porém, sem se discutir as causas das distorções. Nesse sentido, nos parece mais coerente e adequado considerar essas regiões como “zonas de conflito”, pois expressam de maneira incontestável a falência do modelo econômico e social vigente. Não se trata de uma distorção, nem de uma inadequada e insuficiente distribuição de recursos, mas de consequências de um sistema social e econômico que pressupõe a existência de zonas desprovidas, com diferentes graus de aprofundamento dos conflitos. O que consideramos de “território vulnerável” é o último nível da escala da desumanização e coisificação das pessoas nessa sociedade.

Provavelmente, como reflexo desse contexto, na escola onde a pesquisa foi realizada, nos deparamos com estudantes jovens desmotivados e sem interesse pelo aprender, pois o horizonte possível de possibilidades é restrito às delimitações geográficas de seu bairro. Convivemos com crianças na faixa etária de 12 e 14 anos que nunca tinham ido em locais da cidade do Rio de Janeiro como o Pão de Açúcar, Cristo Redentor e as praias da Zona Sul, símbolos do turismo internacional, visitados por milhões de pessoas por ano e mostrados cotidianamente nos meios de comunicação, mas não disponíveis para os moradores das zonas de conflito, a não ser pela mediação da mídia. Esse contexto nos levou a buscar estratégias que pudessem contribuir para uma mudança em relação à motivação dos alunos sobre o conhecimento, uma vez que, diante desse cenário, a maioria deles não encontrava sentido no que a escola estava lhes transmitindo. Para tanto, atuamos, durante 18 meses (julho 2016 a dezembro de 2017), semanalmente na Biblioteca da escola na condição de “colaboradoras”, realizando atividades com alunos e professores, buscando compreender as potencialidades e as mediações pedagógicas quando articuladas com os conteúdos do ensino fundamental trabalhados em sala de aula. Nessa perspectiva, buscamos responder à seguinte pergunta de pesquisa: é possível experiências educativas para a construção do conhecimento científico numa zona de conflito? Se sim, quais as potencialidades impostas pelo contexto de maneira que fossem atrativas aos alunos e condizentes com sua realidade e com as necessidades dos professores?

Para as mediações na biblioteca utilizamos o seu acervo e o seu espaço, com atividades que estimulavam a leitura de obras literárias dos mais diversos gêneros e na

produção de textos pelos alunos. A pesquisa na sua totalidade abrangeu duas etapas com instrumentos de coleta de dados distintos: a parte inicial (18 meses de interação no território) que chamamos de “Incursões no território educativo” e abrangeu a aplicação de dois questionários, sendo um que levantou o perfil dos alunos e outro sobre seu ponto de vista acerca das atividades, o diário de campo com as observações e relatos da pesquisadora bibliotecária e a realização de atividades curriculares com a supervisão de professores de 3 (três) disciplinas. Com os resultados dessa etapa, voltamos 10 meses depois de encerradas as atividades, a qual chamamos de Retorno ao território educativo³ e envolveu a realização de um Grupo Focal com uma das professoras que participou da etapa 1, uma professora convidada e com uma das diretoras da escola. Cabe ressaltar que o convite para o Grupo Focal foi feito para todos os demais professores e gestores, porém somente essas participaram.

Nesse retorno, apresentamos os dados da Etapa 1 e fizemos discussão em torno da experiência, cujo objetivo foi levantar as impressões e opiniões dos professores acerca das atividades realizadas na biblioteca, seus benefícios, limitações, situação e continuidade de funcionamento.

Sobre o espaço a Biblioteca

Uma Biblioteca é uma invenção humana que remonta a sociedades muito antigas. A vontade e necessidade de reunir o conhecimento registrado num único recinto nos indica que a sociedade, pelo menos em algum momento, entendeu que essa prática viabiliza a (re) produção do conhecimento. O seu surgimento, portanto, ocorreu pela necessidade de reunir todo o material informacional existente, nos mais diversos suportes, num espaço organizado e que pudesse ser localizado de forma segura, formando coleções que conservassem e ordenassem a produção intelectual e histórica de um povo (Milanesi, 2002).

A função da biblioteca é de armazenamento de livros. Todavia, em decorrência da explosão bibliográfica na época contemporânea, ela sofreu algumas transformações, acompanhando a exigência do mercado informacional cada vez mais crescente e passou a assumir a função não só de armazenar, mas também de facilitar o acesso à informação de uma forma mais otimizada (Santa Anna, 2015).

Neste sentido, a biblioteca inserida no ambiente escolar poderia não só ser empregada como complemento didático, mas também como um espaço cultural que viabilizasse percursos singulares e achados imprevistos, criando experiências criativas de trajetórias sobre o conhecimento na perspectiva do hipertexto digital. Infelizmente, em muitos países, inclusive no Brasil, as bibliotecas públicas e escolares que propiciam leituras para além dos conteúdos disciplinares são pouco valorizadas tanto pela comunidade, quanto pelos poderes públicos e, por isso, investimentos são tão escassos. Sem contar que a formação de bibliotecários e a melhoria de sua condição profissional também são pouco (ou nada) levadas em consideração. Embora existam programas de leitura, estes não são suficientes ou efetivos para uma verdadeira mudança dessa realidade, já que não ganham grandes projeções ou incentivos que visem sua manutenção. Acerca disso, Larrosa (2003) justifica que há o triunfo da educação técnico-científica sobre uma crise da educação humanista, o qual supõe a abolição da biblioteca como espaço privilegiado de treinamento.

³Para se ter acesso a esses resultados obtidos na etapa inicial da pesquisa, pode-se verificar os artigos: [retirada indicação bibliográfica para não identificar os autores do texto]

Nesse ínterim, um desafio posto ao bibliotecário é administrar as diferentes funções de uma biblioteca em um ambiente onde muitas vezes as conversas são barulhentas e o descaso dos gestores e do corpo docente para com a sua existência e também por parte dos alunos e usuários, que tem cada vez menos frequentado, são cada vez mais evidentes. Há também o crescente interesse e uso das ferramentas digitais e tecnológicas que tem facilitado a busca às informações, o acesso à leitura e a realização de pesquisas, colocando a frequência à biblioteca em segundo plano. Todavia, embora passemos por avanços tecnológicos que transformaram o mundo em digital, a biblioteca e a leitura também sofreram adaptações, porém, não perderam a sua essência enquanto suportes que levam ao conhecimento, visando à formação emancipatória e desalienada do ser (Freire, 1989).

Em vista disso, atribui-se à biblioteca a função de ser um local que contribui para a aprendizagem como extensão da sala de aula, como podemos observar na afirmação a seguir que sugere a existência e o uso de variados ambientes nesse processo:

A aprendizagem ocorre em muitos ambientes. Se algo que foi aprendido em um determinado momento e lugar deve se tornar parte de nossos hábitos, então precisa ser movido de um lugar para outro, de uma tarefa para outra, de uma atividade para outra, e isso não pode estar restrito à escola ou à sala de aula. A aprendizagem dos alunos precisa se espalhar pelas salas de aula e laboratórios, de ambientes virtuais e ambientes naturais, de locais de trabalho e locais onde se realiza a atividade comunitária (Lemke, 2006, p. 8, tradução nossa).

Dessa forma, a biblioteca além de ser um local "natural" para a oralidade, também propicia aos usuários, com a ajuda de um profissional, o desenvolvimento de competências, entre elas, maior discernimento para a realização de pesquisas, a utilização de documentos com autonomia e a familiarização com uma bibliografia, bem como contribui para a mudança de atitude em relação à leitura (Petit, 2009a; 2009b). Também possibilita o estabelecimento de relações, as quais, via de regra, tem sido atacado de várias formas pela destrutividade humana. Como tal, assim como os livros e a cultura, ela seria criada ou recriada como um espaço de transição e de fantasia, onde é possível jogar, simbolizar, aprender, pensar, brincar e criar. Contudo, segundo Petit (2009a), em um cenário onde existem livros com conteúdos não apropriados, escritores fanáticos e textos que legitimam tiranias, as bibliotecas podem salvaguardar os vínculos afetivos e envolventes por trabalhar intersubjetividades um pouco menos violentas (Petit, 2009a).

Nessa perspectiva, a biblioteca também tem a função de ser o local da linguagem compartilhada, no qual, o uso da palavra como exercício da liberdade de expressão é permitido, o que pode ser reforçado pela promoção de debates sobre temas sociais e, a partir daí ser promovida a prática de um desejo de expressão civil, político, atestando-se o exercício da real cidadania. Pode-se ainda afirmar que a biblioteca se assume como local de amparo e acolhimento e até de subversão, pois é ali que “encontram armas que as encorajam no processo de uma emancipação ativa” (Petit, 2009b, p. 106).

Importante salientar que o espaço da biblioteca pode se constituir num lugar que tencione a imersão e alienação do sujeito na indústria cultural (Adorno & Horkheimer, 1947), em que a lógica do sempre-igual seja problematizada, que a existência seja confrontada com a potência, situações que exigem “um tempo para si mesmo, tempo de disponibilidade, de ócio” (Petit, 2009b, p. 92-93) para exercitar a reflexão e evitar a precipitação. A biblioteca se apresenta como local propício para tal atividade.

Portanto, vislumbramos a utilização do espaço e do acervo da biblioteca com base na concepção de Freire (1996, p. 53) sobre o que envolve a prática educativa, que além “[...] da

formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras”, ela “é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”. Dessa forma, não se nega aos educandos o direito de sonhar e de acreditar nas utopias e nas esperanças, configurando-se um ato democrático e condizente com uma prática libertadora. Deve-se estimulá-los, motivando-os a serem sujeitos no mundo, com o mundo e com os outros, demarcando seu lugar na história de maneira crítica.

Metodologia

Essa pesquisa se caracterizou como pesquisa participante, do tipo pesquisa-formação e, em vista disso, ocorreu uma série de incursões no território da pesquisa para se conhecer e acompanhar mais de perto o dia-a-dia da escola. Todos esses variados aspectos compõem o nosso universo de pesquisa e como tais, foram relevantes durante todo o processo de observação e análise, pois, “a noção de multiplicidade nos auxilia na compreensão da complexidade do cotidiano escolar, constituindo-se este em um campo de forças, onde operam discursos, práticas, jogos de relações (Santos & Baroni, 2007, p. 70).

Após 18 meses de atividades na escola, que chamamos de Incursões no Campo, em outubro de 2018, realizamos uma roda de conversa (Grupo Focal) para apresentar o resultado das atividades aos professores e componentes da gestão no intuito de levantar seu ponto de vista a respeito da experiência.

Intitulamos esse encontro como Articulações e Potencialidades da Sala de Leitura de uma escola pública municipal e compareceram 2 (duas) professoras e 1 (uma) gestora, embora tenhamos convidado formalmente, por meio de Convite via *e-mail*, mais outros 2 (dois) professores e 1 (uma) gestora, que não puderam comparecer por terem outros compromissos, além do convite ter sido estendido a todos os professores e diretores da escola. O objetivo dessa Roda de Conversa foi levantar a opinião e os anseios de tais membros da escola acerca das atividades realizadas para complementar com um outro ponto de vista a coleta de dados, visando a triangulação de dados sobre três pilares da experiência, a saber: os alunos, a pesquisadora bibliotecária e o corpo docente e a gestão.

A roda de conversa (grupo focal) foi gravada em formato de áudio e depois transcrito por uma empresa especializada para que pudesse ser posteriormente analisada. Delimitamos a realização da roda de conversa em duas etapas, sendo que na primeira a pesquisadora bibliotecária apresentou, por meio de *slides* em *Powerpoint*, os dados até então coletados e analisados como uma ação de retorno da pesquisa para a escola e na segunda, no intuito de ouvir as falas dos docentes, foi aberto um momento para discussão a partir de perguntas previamente elaboradas para melhor conduzir os relatos.

Resultados e discussão

A apresentação comandada pela pesquisadora abrangeu a descrição da fase inicial da pesquisa composta pelos resultados dos questionários, suas observações do diário de campo e das atividades de sala de aula realizadas em conjunto com os professores. De modo geral, o primeiro questionário aplicado a 524 respondentes no início da experiência apontou que 55,70% gostavam de frequentar a biblioteca, 50% responderam que tinham o hábito frequente de leitura e 66% relacionavam a importância da leitura com o aprendizado. O segundo questionário foi aplicado a 62 alunos na fase final da experiência, dos quais 60 responderam

gostar das atividades realizadas na biblioteca da escola durante o ano letivo de 2017, 59 responderam que as atividades realizadas ajudaram no aprendizado e 51 responderam que gostariam que as aulas continuassem sendo realizadas ali. Realizamos 5 atividades completas: na disciplina da História, foram realizadas 2 atividades, sendo 1 de pesquisa bibliográfica e 1 de entrevista e levantamento de dados; na disciplina de Português, 1 atividade foi a produção de charges e a outra foi a produção de livros que culminou com a realização de um café literário e na disciplina de Ciências, 1 atividade foi uma roda de discussão a partir da leitura de um livro.

No intuito de preservar a identidade dos sujeitos, nomeamos as professoras como P1 e P2 e a diretora como D. Depois que a pesquisadora fez a apresentação desses dados na Roda de conversa, foi aberto um momento para discussão e a primeira questão foi que elas nos externassem a opinião sobre as atividades em si realizadas na Biblioteca. Eis as respostas:

P1: Sempre faz a diferença. [...] eu gostei muito, foi muito enriquecedor para a turma e para os alunos. Para mim também como professora, também foi muito e eu queria que tivesse mais (risos). É, porque foi uma forma diferente, mas que contribuiu muito para o aprendizado dos alunos, não é, tirou da sala de aula, foram para a biblioteca, onde não tinha muito acesso, a [bibliotecária] sempre trazia as ideias e eles abraçaram as ideias e a gente tentava desenvolver da melhor forma possível.

P2: Eu quero dizer que **achei as atividades muito bem pensadas, bem boladas**; quero parabenizar os colegas, até os que não estão presentes. [...] **Eles gostam quando você sai com eles da sala de aula, já é interessante**, foi à [INSTITUIÇÃO X] para ver o Pau Brasil, é uma aula diferenciada; você desce aqui para o pátio, pode fazer uma aula de campo, eles gostam também. É tudo muito válido, o ambiente que você tem contato com a leitura, com a escrita, sendo que você tem a oportunidade de ler deitado, de ler em uma almofada, **tirar aquela coisa muito congelada que é a sala** - a gente sabe, a gente quer o aluno quieto de sala, eu digo por mim; eu quero o aluno quieto dentro de sala, mas ao mesmo tempo eu penso: “será que ele não quer se sentir um pouco descongelado?”. E a sala de leitura permite isso, não é, esse trabalho em sala de leitura. Então eu acho que só tenho críticas positivas e agradecer [...]

Pela fala das duas professoras o resultado da experiência foi muito favorável, mas igualmente é interessante colocar que o espaço sempre esteve lá para ser usado e, mesmo depois de 18 meses de experiência positiva, voltou a ser fechado nesse intervalo entre o fim das atividades e o retorno (10 meses). Não sabemos se para o ano de 2019 isso foi sanado, como sinalizou a diretora como uma promessa para o ano seguinte.

De acordo com as falas das professoras, as atividades foram uma oportunidade para que saíssem das salas de aula convencionais e tradicionais, tornando as aulas um pouco mais atrativas e oportunizando o acesso aos livros e à leitura e a outros lugares; como diz Petit (2009a), como se o aluno saltasse para fora de sua realidade cotidiana, no qual o devaneio, o pensamento e a imaginação de um futuro melhor e mais justo tornam-se possíveis (Petit, 2009a).

Contudo, igualmente se tornou uma inquietude nossa o fato desse movimento para fora (professores se propondo autonomamente a sair) necessitar de um elemento externo para estimular, motivar e dar apoio, no caso a bibliotecária. Interessante que, a reflexão que P2 faz e mesmo a autocrítica que ela mesma externa de que quer seu aluno sentado e quieto, desconfiando que isso pode não estar sendo prazeroso para ele, mesmo assim reluta em sair do lugar da sala de aula onde tem certo controle. Um dos principais aspectos observados durante as atividades foi a questão do controle sobre os alunos no espaço da biblioteca. Foram necessários vários meses para que se construísse uma mediação entre bibliotecária e alunos a

partir de regras mínimas de uso do espaço. No início, a biblioteca com mais espaço vazio do que a sala de aula, ensaiavam lutas, brincadeiras de correr, com bola, gritos e foi necessário muita intervenção e conversas com eles para que entendessem que naquele lugar seria necessária uma outra postura, outro comportamento, o que foi conseguido depois de muita insistência.

Contudo, o cotidiano e a sobrecarga de trabalho que cada professor carrega consigo, dificulta em muito ter essa paciência e mesmo o tempo para a preparação das atividades em outros lugares. O espaço está lá, mas as condições para seu uso não estão dadas. Por outro lado, também não há movimento por parte do coletivo dos professores da escola para buscar uma saída a essa situação. Consideramos que soluções individuais só levam a mais sobrecarga de trabalho aos professores, as alternativas são e serão sempre coletivas. Pensamos que essas são questões importantes para serem discutidas pela universidade e nos cursos de formação de professores, pois os enfrentamentos às condições precárias em que se encontram boa parte de nossas escolas públicas tem mais possibilidade de serem superadas pela ação coletiva.

Outra questão discutida foi se consideravam que a biblioteca pode contribuir para uma educação comprometida com a transformação da vida dos alunos e mediadora para o acesso aos conhecimentos, cujas respostas foram:

D: Eu saio de casa todo dia, hoje, eu estou há três dias com febre, fui fazer nebulização de manhã, mas eu venho com o maior prazer, eu fico emocionada porque a gente vê que a gente consegue mudar a vida deles, que seja de um, mas a gente consegue fazer, e eu acho que isso que incentiva, que faz a gente estar aqui todo dia, que saia de casa com toda essa coisa ruim que a gente passa, a gente está aqui e consegue, entendeu? **Isso para mim, e agora tudo isso é a luz no fim do túnel, porque a gente que está aqui, precisava, é o gás; a gente consegue, é pouquinho, é um trabalho de formiguinha, mas que ele vai, todas as formigas, o que elas não fazem juntas, vamos lá, a gente consegue, porque se não fosse cada um aqui dentro, a gente não fazia isso** (grifo nosso).

P1: Eu que trabalhei diretamente com o trabalho da [bibliotecária], eu cheguei aqui... Se não fosse a direção também, eu te falei isso, que eu cheguei aqui nessa escola e me sentia desmotivada com o Magistério e eu consegui renovar isso aqui, porque eu encontrei coisas que eu sempre procurei, eu falei “**gente, a escola não é só isso, a gente tem que interferir em alguma parte na vida dessas crianças**”, e então nessa turma também que foi a 901, uma turma maravilhosa, que acolheu trabalho, que devolveu tudo que a gente trazia para eles, foi maravilhoso o trabalho, enriqueceu minha prática, enriqueceu tudo na minha vida. E eu ter vindo para cá foi uma coisa que me renovou, sabe? (grifo nosso).

Numa outra linha de argumentação, P2 aborda o aspecto de construção da identidade dos alunos que foi muito evidenciada na atividade de composição do livro da seguinte forma:

P2: Achei que essa ideia do tema do livro excelente, que busca uma das formas da gente buscar essa questão do que é identidade, quando a gente busca o que é identidade, a gente toma aquilo como nosso e aí começa um interesse pela conservação e a valorização.

Essas falas da diretora e da professora atestam que a biblioteca contribui para a formação dos alunos, uma formação comprometida com a realidade deles e que interfere em suas vidas para a ação. Como disse a diretora, ela entendeu que a experiência realizada na biblioteca da escola foi como uma “*luz no fim do túnel*”, a qual devolveu a esperança e a certeza de que é possível realizar atividades na biblioteca que promovam o acesso ao conhecimento e ao hábito da leitura, valores tão caros à formação do ser. É preciso levar em conta que a escola em questão pertence a um contexto de vulnerabilidade social que

marginaliza e põe em condição de inferioridade aqueles alunos. Portanto, nossa intenção para com o grupo focal foi evidenciar que a leitura se assumia como uma alternativa para imaginar outras possibilidades de reforçarmos o espírito crítico e nos distanciarmos dos modos de pensar e viver de nossos próximos e do modo de viver imposto pela sociedade capitalista (Petit, 2009a).

A leitura, diferente de outras formas de lazer, pode contribuir para que as pessoas estejam mais preparadas para resistir aos processos de marginalização, possibilitando-as

[...] a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro (Petit, 2009a, p. 16)

Também, no que tange aos jovens, a leitura pode ajudá-los “[...] a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas”, podendo “representar uma espécie de atalho que leva a uma intimidade um tanto rebelde à cidadania” (Petit, 2009a, p. 16). Ela contribui na formação do Ser mais (Freire, 1989, 1996) e na construção de si mesmo (Petit, 2009a, 2009b), estendendo o horizonte de referência e assim não ser tão corrompido pelo poder da indústria cultural que aliena os cidadãos. E, no caso dessa experiência, o acesso à leitura se deu mediante ao acesso e às atividades realizadas na biblioteca.

Também indagamos se elas acreditavam na possibilidade da escola investir ou procurar estratégias de incorporar a literatura e o uso da biblioteca para fazer a articulação dos conteúdos curriculares de algumas disciplinas e responderam o seguinte:

D: Isso é legal para a gente **ter noção do que a gente pode adquirir**, quando puder, mesmo que com pouca verba, mas a gente adquire o que eles gostam.

D: Eu acho que a gente pode ver isso para o ano que vem (eu me lembro quando eu era aluna), que todo ano eu tinha que ler um livro, eu tinha que ver um filme e falar sobre, sempre, então **a gente podia fazer isso cada semestre**, acho que por bimestre é muito pouco (o tempo), não sei.

D: A gente só tem uma dificuldade aqui, que é em relação à quantidade de exemplares, porque às vezes o livro que tem em muita quantidade, que é aplicado ao 6º ano, ele não é adequado ao 6º, ou não é aquele que você gostaria de trabalhar. A gente recebe esses do MEC, que são essas caixas, mas às vezes não é livro que você quer trabalhar, não é adequado à série.

D: A gente tem uma noção que 94% dos nossos alunos têm acesso à internet, **por que a gente não tenta trabalhar pela internet com eles? Com livros?**

D: Que não seja livro no início, mas que comece com alguma coisa que eles tenham que ir para a internet para procurar, para fazer. Eu não sei.

D: [Em termos de dificuldade], a gente tem 2 coisas: primeiro, **o financeiro**. A gente até hoje não conseguiu, a gente está fazendo agora, porque a gente está há 3 meses tentando liberar o dinheiro, conseguimos agora, processos vão, processos vêm, processo vai, processo vem; conseguimos. Uma outra professora que fez da manhã, foi lá (na Secretaria de Educação), assinou, então essa semana eles estão produzindo o cheque para a gente começar. A gente não podia usar a sala, botar ar-condicionado, nada, porque aqui infelizmente aquela coisa da violência, então tem que estar tudo muito fechado, então a gente não tinha dinheiro para fechar; sempre é uma coisa básica, botar grade, e a gente não podia fazer. Tá há um ano parado base, porque a verba do ano passado não saiu por problemas que tivemos e está sendo liberada para esse ano, então agora que a gente - e a segunda é **a mão de obra**, porque como é que eu vou - assim, temos dinheiro, coloquei lá o laboratório, só que o laboratório tem muita

coisa, as crianças ainda não têm a visão que faz parte deles, eles quebram, eles roubam, eles picham, eles fazem, então a gente precisa ter pessoas ainda que fiquem com eles, porque a nossa - não sei se você lembra, eu falei para você, que o meu sonho é essa biblioteca ficar aberta, não precisar de ninguém aqui dentro, ele entrar e sair, pegar um livro, voltar pra fazer de uma forma [...] para que eles não destruam.

D: [...] isso é uma coisa que **a gente quer muito fazer um trabalho com a comunidade, dessa percepção da comunidade com a escola.** Isso daí já é uma coisa que a gente já - acho que já até tinha falado com você [...] estamos de portas abertas, acho que fundamental. Começar a fazer esse trabalho com as famílias, entendeu? Começa em casa, não é, gente?

D: A gente tirou a nossa professora da sala de aula, botamos para sala de leitura, e **ela faz dupla hoje na turma dela, porque a prioridade é a sala de leitura.** Então ela é hoje matriculada - a matrícula dela é da sala de leitura. A gente ficou quase 3 meses, lembram disso? Brigando, processo vai, processo vem, e muda projeto, e vai, e vem. Conseguimos; para a gente, a possibilidade já foi [...] está sanada [...] e entre atos, a gente conseguiu abrir mais uma porta, que é a partir de agora, só que ela está até de licença, porque se recuperou, mas de **ter alguém o tempo todo lá, que possa dar, orientar pelo menos as crianças que queiram pegar livro,** que uma das colocações que eu vi é que estava sendo fechada, que eles falavam isso. Assim, a gente sabe disso, que **a leitura é por onde começa tudo.** A gente brigou muito aqui para isso, tanto é que nas nossas reuniões, eu canso de pedir: “gente, vamos usar”, que na época eu falava muito: “a gente tem uma doutora lá embaixo”; lembram disso? E vamos usar, vamos usar, você entendeu, não é? Usar, porque não é impossível. Mas é verdade. Vamos seguir, porque a partir disso que a gente [...] assim, a gente já pelo menos, para mim [...] sabe que é importante. E a nossa equipe sempre sem sombra de dúvida está presente, mesmo; professoras, cada uma com o seu trabalho, estão fazendo, sim, trabalhos diferenciais sem dúvida, principalmente nessas duas turmas - trabalhos excelentes.

D: Gostei muito da sua ideia da questão da comunidade, que sem a comunidade a gente não consegue nada; daqui para fora é muito mais difícil do que se for de fora para dentro, então talvez aí uma possibilidade de a gente ver a oportunidade de desenvolver com alguma coisa que seja em relação a isso, a conservação, a ideia de posse, que a escola é nossa, a escola é de todo mundo, a escola é da comunidade também, se a gente conseguir pensar em alguma coisa para o ano que vem em relação a isso, eu acho que seria muito bom (grifo nosso).

A diretora D, como membro da gestão escolar, se mostrou muito solícita e só vê vantagens em incorporar a literatura e o uso da biblioteca para fazer a articulação dos conteúdos curriculares de algumas disciplinas, embora não desconsidere a existência de falta de recursos e de pessoal como entraves que dificultam transformar esse desejo em realidade. Porém, tendo em vista o conhecimento desses dados resultantes da pesquisa, está mais propensa a investir e incentivar os professores a fazerem uso dos materiais e do espaço da biblioteca como extensão da sala de aula e, mais do que isso, um lugar que deve estar à disposição de todos de forma descontraída e democrática, como lugar de pluralidades e de produção e compartilhamento intelectual e cultural (Petit, 2009a).

Em função dessas respostas, procuramos identificar qual a avaliação que a escola tinha da atuação da pesquisa, pois, por se tratar de pesquisa participante, é fundamental entender as contribuições que a pesquisa trouxe para o local e as pessoas que participaram dela. Segundo elas:

D: A gente ficou muito feliz porque eu achava que, eu tinha uma profissional muito boa, e que nós, nós que eu digo, os nossos alunos, os professores, todos nós, estávamos conseguindo explorar (tudo que ela tem de melhor). Eu me senti muito assim, eu via muito isso. Eu ia lá, tinha três, quatro, cinco, e me perguntava por que tem tão pouca gente? Com tanta coisa boa.

E todo mundo estava lá, a gente tentando incentivar, a gente: “traz os seus amigos, fala que é legal” porque eu acho que é isso, a gente tem que passar isso para frente para que os outros venham também, então é bom a gente saber que no fundo foi bem, mesmo achando que não, foi muito valoroso.

D: Particularmente, eu acho que o que vocês fizeram, **fizeram com excelência**... Eu acho que vocês, no meu ver, são - **a gente podia utilizar mais o conhecimento de vocês**, como criar isso, porque eu acabo - eu sempre acho, eu falei isso para ela ano passado, que são poucos os alunos que estão ali. **A gente tinha que ampliar isso**, para que muito [...] exatamente, mas eu acho que a gente tinha que atingir um público maior para que mais, em vez de 8, 10, que a gente pudesse ter 50, 100, lá dentro, entendeu? Isso ia ser muito mais [...] (grifo nosso).

Conforme expressado nos relatos, o trabalho executado pela pesquisadora bibliotecária foi aprovado pela direção e pelos professores parceiros, ressaltando a importância do profissional bibliotecário para o funcionamento da biblioteca e para auxiliar durante as aulas e atividades ministradas pelos docentes naquele espaço. E, mais do que isso, este pode contribuir com projetos, eventos e atividades escolares que podem complementar os conteúdos curriculares, bem como promover o hábito da leitura e da pesquisa como eixos formadores no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Nessa perspectiva, o bibliotecário trabalhará em prol de uma política cultural, na qual,

[...] a vida escolar não é concebida como um sistema unitário, monolítico e rígido de regras e regulamentações, mas como um terreno cultural caracterizado pela produção de experiências e de subjetividades em meio a variados graus de acomodação, contestação e resistência, como forma de política cultural, a alfabetização ao mesmo tempo ilumina e examina a vida escolar como um lugar caracterizado por uma pluralidade de linguagens e de lutas conflitantes (Freire & Macedo, 2011, p. 60).

Paulo Freire (1996) no seu livro “Pedagogia da autonomia”, já dizia que somos seres inacabados, o que nos coloca num permanente movimento de busca, reafirmando que estamos no mundo, com o mundo e com os outros que, ao mesmo tempo que fazemos história, somos feitos por ela. Dessa forma, abrir um espaço para escutar os envolvidos no processo como um todo foi o objetivo da realização dessa roda de conversa, pois, quando reconhecemos o direito do outro dizer a sua palavra, reconhecemos também o nosso dever de escutá-los “[...] com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca” (Freire, 1989, p. 17). Tanto que os relatos a seguir comprovaram que a realização da roda de conversa, como momento onde os envolvidos puderam expressar suas opiniões, críticas e anseios, foi tão bem aceita pela direção e pelos professores que participaram, que foi lamentado que todos os professores e até alunos não estavam presentes, como podemos constatar nas seguintes falas da diretora:

São informações tão importantes e tão assim positivas que até para a gente, para a nossa equipe [...] tinha que fazer com a direção e com os alunos que participaram, se eu soubesse que era isso - eu não tinha entendido o que era - eu já tinha “falado” não, você vai vir no CE, “então a gente para a aula, todo mundo entra às duas horas”, poderia ter feito isso pra colocar mais gente aqui dentro. Eu acho que no fundo, eu acho para que nós aqui do [Escola X], **é a luz no fim do túnel**, e a gente não está passando despercebido, **a gente está fazendo a diferença**, que seja para poucos, mas (quicá) daqui a pouco para muitos, que a gente faça o inverso, que não seja mais para poucos, e que a gente consiga fazer para muitos.

Conforme observado pela diretora, ter acesso aos dados apresentados nessa roda de conversa, que configurou-se como um movimento de retorno da pesquisa para a escola,

representou uma “luz do fim do túnel” no sentido de que a realização da experiência na sala de leitura da escola foi o marco inicial para que mais projetos possam ser realizados e que é possível realizar ações e atividades que surtam efeitos tão favoráveis e tão gratificantes que enchem de esperança e dão motivação para a escola ser um diferencial na formação dos alunos nesse contexto vulnerável. Por isso, essa relação entre escutar e falar assumiu um papel significativo durante todo o processo da pesquisa, pois revelou nossa intenção enquanto educadores (as), de que estamos a favor de uma educação libertadora e não de uma educação autoritária. Tendo em vista que a escola está propensa a incorporar a literatura como eixo de formação científica, como observamos nos relatos, fortalecemos a nossa conclusão de que a realização dessa experiência na biblioteca foi crucial para o estabelecimento futuro dessa ação em caráter permanente, paralela ao currículo e ao calendário escolar.

Considerações finais

A realização da roda de conversa no formato de grupo focal foi fundamental para levantarmos as opiniões dos docentes e da direção sobre a pesquisa. Poder dar-lhes um retorno foi imprescindível, pois reforçou a importância e abriu a possibilidade de incluir a biblioteca e a leitura nas atividades curriculares. Também foi necessária para a conclusão da pesquisa na sua totalidade, uma vez que já tínhamos coletado o ponto de vista dos alunos e da pesquisadora que formam o tripé dos sujeitos envolvidos na pesquisa participante.

Acreditamos que dar esse retorno dos resultados da pesquisa para o corpo docente e gestor da escola, além de ser uma oportunidade de poder ouvi-los, foi também a chance de revelar a estes, mais que as dificuldades e limitações, todos os pontos favoráveis e de êxito evidenciados na pesquisa. Significou também uma forma de “prestar contas” do que foi realizado durante o uso do espaço da biblioteca, que foi generosamente cedido pela direção da escola, uso e espaço que foram compartilhados com os professores e alunos.

Embora a função primeira da experiência tenha sido somente a de informar e descrever, ficou assentada a necessidade de melhorias e mais investimento para a manutenção e funcionamento da biblioteca, abrindo-se a possibilidade da escola investir ou procurar estratégias de incorporar a literatura e o uso da biblioteca para fazer a articulação dos conteúdos curriculares de algumas disciplinas, bem como em estabelecer em definitivo um mediador no espaço para auxiliar os alunos e professores. Resultados mais específicos e realistas ocorrerão a longo prazo, sendo que a proposta dessa pesquisa foi ser o ponto de partida para uma mudança de postura de toda a comunidade escolar.

Sendo assim, podemos afirmar que a realização da pesquisa e da roda de conversa consolidaram as potencialidades e as mediações pedagógicas realizadas dentro da biblioteca dessa escola, visando promover experiências educativas diferenciadas para a construção do conhecimento científico num contexto de vulnerabilidade social, atraindo os alunos para os conteúdos curriculares condizentes com sua realidade e com as necessidades dos professores, bem como para a promoção do hábito de leitura, como garantia de uma educação democrática e cidadã.

Referências

Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. de C., Lima, F. de S., & Martinelli, C. da C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília: Unesco.

- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1947). *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Castro, M. G., & Abramovay, M. (2002). Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de pesquisa*, 116, 143-176.
- Fernandes, T. M., & Costa, R. G. R. (2013). As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro. *Revista Tempo*, 19 (34), 117-133.
- Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam* (23a ed., Coleção Polêmicas Do Nosso Tempo). São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (25a ed., Coleção Leitura) São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Freire, P., & Macedo, D. (2011). *Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra.
- Laboratório Territorial de Manguinhos. ([200-]). *História do Bairro de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
Recuperado de http://Www.Conhecendomanguinhos.Fiocruz.Br/?Q=Historias_Manguinhos
- Larrosa, J. (2003). *La experiencia de la lectura: Estudios sobre literatura y formación* (Coleção Espacios Para La Lectura). México: Fce.
- Lemke, J. L. (2006). Investigar para el futuro de la educación científica: Nuevas formas de aprender, nuevas formas de vivir. *Enseñanza de las Ciencias*, 24 (1), 5-12.
- Milanesi, L. A. (2002). *Biblioteca*. Cotia-SP: Ateliê Editorial.
- Monteiro, S. R. da P. (2011). O marco conceitual da vulnerabilidade social. *Sociedade em debate*, 17 (2), 29-40.
- Petit, M. (2009a). *A arte de ler: Ou como resistir às adversidades*. São Paulo: Editora 34.
- Petit, M. (2009b). *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva* (2ª ed.). São Paulo: Editora 34.
- Santa Anna, J. (2015). O bibliotecário em face das transformações sociais: de guardião a um profissional desinstitucionalizado. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, 20 (1), 138-157.
- Santos, N. I. S. dos, & Baroni, L. R. (2007). Uma pesquisa-intervenção em análise: militância, sobreimplicação ou ato político? In: Machado, A. M., Fernandes, Â., & Rocha, M. da N. (Orgs.), *Novos possíveis no encontro com a educação* (pp. 69-85). São Paulo: Casa do psicólogo.

Recebido: 29/05/2019

Aceito: 09/11/2019

Publicado: 06/12/2020

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final a ser publicada.